

Revista de Literatura,  
História e Memória

Dossiê Diálogos transatlânticos:  
inter-relações entre Brasil e  
Portugal

ISSN 1809-5313

VOL. 9 - Nº 13 - 2013

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 08-14

## LITERATURA MOÇAMBICANA EM LÍNGUA PORTUGUESA: “CARTA DUM CONTRATADO”, DE ANTÔNIO JACINTO

SANTOS, Rita Rosielly da Silva (Universidade de Pernambuco)<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho faz uma análise do poema “Carta dum Contratado” de Antônio Jacinto, produção bastante representativa que remete a realidades vivenciadas desde o período da colonização de Moçambique. O eu lírico aborda o distanciamento de sua terra e de sua amada como também o drama do analfabetismo que são discutidos ao longo do texto com destaque para esse último, haja vista que alguns críticos sugerem o uso da língua portuguesa nas produções escritas em África como causa do analfabetismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Língua, identidade, África.*

**ABSTRACT:** The present work analyzes Antônio Jacinto’s poem “Carta dum Contratado”, a very representative piece that references the realities experienced since Mozambique’s colonization period. The lyrical self approaches the distance from his land and from his loved one as well as the drama of illiteracy that are discussed throughout the text with emphasis on the latter, bearing in mind that some critics suggest that the use of the Portuguese language to the written production in Africa are the cause of illiteracy.

**KEYWORDS:** *Language, identity, Africa.*

*Nas tarefas da construção do mundo  
Aqui estou de novo  
Unido  
– Na procissão de vontades  
Alavancas em aplicação comburentes –  
Aqui estou de novo  
Presente!  
(JACINTO, 1985, p. 50)*

O surgimento da escrita e da leitura, em África, dividiu a sociedade em

letrados e analfabetos, num momento em que ainda vivenciavam conflitos que derivaram de um processo de colonização bastante violento com a exploração da população e a numerosa retirada de habitantes que seriam posteriormente vendidos como escravos. Esse sofrimento e a força de vontade de mudar essa realidade precisavam ser representados de alguma forma. A priori a escrita adquirida com a vinda desses colonizadores foi uma das formas encontradas de retratar e lutar contra a realidade em que o povo africano se encontrava de outra forma que não a habitual oralidade.

Em África a oralidade é marca extremamente presente na poesia e na literatura de um modo geral. Tendo raízes bastante fixas, a cultura oral passou a ser chamada por alguns escritores como “*oralitura*”. Cultura esta que ao ser transcrita “para o espaço da folha branca” (RUI, 1987, p. 308) sofre com a falta representações que a tornem fidedignas ao texto original, caracteristicamente rico em ritos, movimentos e sons, antes ouvidos e vistos, agora escritos, não mais sentidos.

Preocupados com a questão da construção da literatura nacional alguns autores africanos apontam o uso da língua estrangeira, a língua do colonizador, na literatura como principal causa da falta de identidade entre o que é escrito em África e sobre África e sobre o que o povo africano identificaria como sendo seu.

Notadamente, as críticas sobre a transcrição de textos originais da cultura oral bem como as novas criações são embasadas principalmente no uso da língua do colonizador que, segundo a crítica Paulina Chiziane (1999), é o ponto de referência e até motivo da desmotivação à aquisição da leitura por parte do povo africano. Ainda segundo a autora a escrita africana “[...]evidencia uma certa superficialidade em relação ao caráter artístico representativo das culturas bantu. Satisfaz apenas uma pequena parte da comunidade de leitores conhecedores dos códigos estrangeiros [...]” (p. 97)

Um registro desse drama, o analfabetismo, pode ser notado no poema “*Carta dum Contratado*”, do autor Antônio Jacinto. Poema bastante representativo e que reafirma o desejo de liberdade e de libertação do país, no qual o autor retrata a angústia do povo moçambicano, longe de sua terra, da mulher amada e das lembranças dela, e como supracitado denuncia o drama do analfabetismo. O autor Antônio Jacinto, participou ativamente do processo de libertação de Angola e retratou esse momento em suas obras. Suas maiores obras foram *Poemas*, publicado em 1961, e *Sobreviver em Tarrafal de Santiago*, publicado em 1985.

No poema ora analisado, pode ser observado que não há preocupação com formas cristalizadas, o poema como um todo não possui uma simetria métrica, caracterizando um poema com versos livres, suas rimas estão em palavras de mesma classe gramatical e são em sua maioria mistas de acordo com a combinação e imperfeitas

com relação à correspondência dos sons.

Em *Carta dum Contratado*, observa-se uma temática direcionada a expressão de desejos comuns aos africanos, especialmente os exilados e os que se deslocaram durante o processo migratório. Na primeira estrofe a saudade da amada é retratada de forma bastante intensa, com destaque para os últimos versos “deste mal indefinido que me persegue/ desta saudade a que vivo todo entregue...”

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
uma carta que dissesse  
deste anseio  
de te ver  
deste receio  
de te perder  
deste mais que bem querer que sinto  
deste mal indefinido que me persegue  
desta saudade a que vivo todo entregue...

Retomando a análise do poema, observa-se que também existem marcas que caracterizam a mulher africana e suas peculiaridades descritas com palavras estritamente africanas, o que poderia exemplificar a fala de Chabal, citado por Lopes (1998), que sugere que “ainda que toda a língua habitualmente se origine de uma determinada cultura, o uso de uma língua estrangeira por um povo, cuja cultura tenha outras origens, não é influenciado pelos marcos culturais da língua original” (p.276). De maneira especial na estrofe seguinte, Antônio Jacinto evidencia essa questão conferindo ao eu lírico da amada características possíveis de traduzir-se apenas em sua língua. Pois, de que forma seria possível visualizar a lembrança dos lábios da amada sem compará-la com o vermelho da árvore africana e sem nomeá-la como tal em “dos teus lábios vermelhos como tacula”. E os seios da amada, eles só poderiam ser comparados com a fruta agridoce de aspecto rígido encontrada na terra natal como no verso “os teus seios duros como maboque”.

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
uma carta de confidências íntimas,  
uma carta de lembranças de ti,  
de ti

dos teus lábios vermelhos como tacula  
dos teus cabelos negros como dilôa  
dos teus olhos doces como macongue  
dos teus seios duros como maboque  
do teu andar de onça  
e dos teus carinhos  
que maiores não encontrei por aí...

Na estrofe abaixo, o autor retoma as marcas saudade da amada. Num esforço consciente, o eu lírico faz uso de algumas lembranças que também caracterizam o lugar onde moravam, o amor vivido e o posterior afastamento. E no decorrer do poema, de modo geral pode ser percebido que o poema como produção cultural identifica a África como estado-nação de origem.

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
que recordasse nossos dias na capôpa  
nossas noites perdidas no capim  
que recordasse a sombra que nos caía dos jambos  
o luar que se coava das palmeiras sem fim  
que recordasse a loucura  
da nossa paixão  
e a amargura da nossa separação...

A moçambicanidade ainda pode ser notada pelos nomes próprios utilizados na terceira estrofe que são notadamente africanos. Há também um temor demonstrado explicitamente no verso seis “*o esquecimento*” receio comum dentre os habitantes que sofreram com um deslocamento ocasionado pelo processo de colonização e que com a libertação do país retornaram sem rumo e segundo Memmi (1989) fora do processo histórico e social.

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
que a não lesses sem suspirar  
que a escondesses de papai Bombo  
que a sonegasses a mamãe Kiesa  
que a relesses sem a frieza

do esquecimento  
uma carta que em todo o Kilombo  
outra a ela não tivesse merecimento...

Como pode ser observado nos versos: “uma carta que ta levasse o vento que passa/ uma carta que os cajus e cafeeiros/ que as hienas e palancas/ que os jacarés e bagres pudessem entender/” o rebuscamento de elementos naturais é uma marca bastante presente na quinta estrofe. A fauna e a flora africana estão representadas como testemunhas do tormento, da angústia em que consiste a separação desse casal. A presença desses elementos naturais remete à cultura africana que dá a esses elementos status de entidades presentes e participantes ativos da vida desse povo e pode ser notado nos versos “para que se o vento a perdesse no caminho/os bichos e plantas/ compadecidos de nosso pungente sofrer”

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
uma carta que ta levasse o vento que passa  
uma carta que os cajus e cafeeiros  
que as hienas e palancas  
que os jacarés e bagres  
pudessem entender  
para que se o vento a perdesse no caminho  
os bichos e plantas  
compadecidos de nosso pungente sofrer  
de canto em canto  
de lamento em lamento  
de farfalhar em farfalhar  
te levassem puras e quentes  
as palavras ardentes  
as palavras magoadas da minha carta  
que eu queria escrever-te amor...

Não menos importante que todo esse rebuscamento e toda esta saudade e sofrimento presente no poema de Antonio Jacinto, há algo bastante relevante e presente em todo o texto, o anseio de escrever expresso no início de cada uma das estrofes conjugada mais precisamente no pretérito imperfeito pela primeira pessoa do singular “Eu queria escrever-te uma carta...”.

Esse verso retrata mais um dos problemas que vieram com a colonização, demonstra também a frustração que segundo Chavez (2000) é a “consciência pesada dos limites, a sensação de impotência” recorrente do período pós-colonial que ainda segundo a autora apresentava uma “assustadora taxa de analfabetos na altura da independência” (p.247).

Eu queria escrever-te uma carta...  
Mas, ah, meu amor, eu não sei compreender  
por que é, por que é, por que é, meu bem  
que tu não sabes ler  
e eu - Oh! Desespero - não sei escrever também!

Apesar de todas as críticas em torno do desinteresse e do analfabetismo em África serem tidos como resultado do uso da língua do colonizador, no caso o português, Lopes (1998) afirma que em termos gerais os escritores moçambicanos conseguiram equacionar a língua portuguesa para o que poderia chamar de “cultura(s) de Moçambique, um Moçambique que ainda não existia plenamente como nação, e para a construção da qual naturalmente essa literatura contribuiu” (p.277).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise do poema “*Carta dum Contratado*”, de Antônio Jacinto, foi possível observar marcas que o distinguem como uma produção caracteristicamente moçambicana. Tais marcas se apresentam no uso de figuras ou simbologias que não existiriam noutra cultura. Nomeadamente, os elementos da fauna e da flora utilizados são oriundos de África. Bem como o simbologismo presente na representação dos elementos naturais que tradicionalmente são caracterizados como entidades capazes de participar de forma ativa na vida do povo.

Ainda assim não é possível concluir apenas através da análise deste poema de Antônio Jacinto que a literatura em Moçambique, de modo geral, utiliza da língua do colonizador para produzir uma literatura exclusivamente nacional. Mas, já é possível afirmar que nem toda literatura moçambicana, escrita em língua portuguesa, mesmo que utilize um modelo de literatura estrangeiro, possui marcas da cultura da qual a língua procede.

A literatura como um todo remete as realidades culturais e históricas da vida de um povo, fato não diferente em África. O que é de se lamentar é que como

exposto no decorrer do trabalho apenas uma pequena parcela da população possa desfrutar e deleitar-se com a beleza das produções de seus conterrâneos, uma vez que os dados atuais apontam que cerca de 70% da população africana é analfabeta.

## NOTAS

<sup>1</sup> Pós-graduanda do curso de Ensino de Língua Portuguesa e Suas Literaturas na Universidade de Pernambuco [ritarosielly@hotmail.com](mailto:ritarosielly@hotmail.com)

## REFERÊNCIAS

CHAVEZ, Rita. O passado presente na literatura angolana, in.: *SCRIPTA Literatura Revista do Programa de Pós Graduação em Letras e dos CEPUC*, Belo Horizonte, v.3, n. 6, p. 245-257, 1º sem. 2000.

CHIZIANE, Paulina. A literatura como forma de expressão popular. Moçambique. *Revista Mar Além*. Lisboa: Mar Além, p. 97-99. 1999.

LOPES, José Souza Miguel. Literatura Moçambicana em Língua portuguesa: " na praia do oriente a areia náufraga do ocidente, in.: *SCRIPTA Literatura Revista do Programa de Pós Graduação em Letras e dos CEPUC*, Belo Horizonte, v.1, n. 2, p. 269-285, 1º sem. 1998.

MEMMI, A. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. 3 ed. Tradução de Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

RISO, Ricardo. *Sonhos não envelhecem: Antonio Jacinto - Sobrevivendo à malha do tempo: "Sobreviver em Tarrafal de Santiago" e breves considerações sobre a "Mensagem"* disponível em: <<http://ricardoriso.blogspot.com.br/2008/05/antonio-jacinto-sobrevivendo-malha-do.html>> acesso em : 04 de setembro de 2012.

RUI, M. *Eu e o outro* – O invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto. In: MEDINA, C. A. *Sonha Mamana África*. São Paulo: Epopéia, 1987, p. 308-310